

## • Nacional

CENÁRIO

# Expectativas otimistas para a economia até o final do ano

por Claudia de Souza  
de São Paulo

*Brasil*



André Lara Resende

Diante das interrogações colocadas pela crise iraquiana e um eventual novo choque do petróleo, dificilmente alguém se arriscaria hoje a fazer previsões sobre a inflação brasileira. Os resultados obtidos pela equipe econômica ainda que inequívocos — explicitados tanto no declínio da taxa da FIPE como na tendência de queda dos juros como mostraram os últimos leilões de papéis do governo — são ainda muito recentes. Tem-se então mais incertezas do que afirmações nos costumeiros cenários de economistas e consultores do mercado financeiro.

Para analistas como André Lara Resende, vice-presidente do Unibanco, e Alkimar Ribeiro Moura, diretor da Pirelli Distribuidora de Valores, ambos ex-diretores de dívida pública do Banco Central, porém, a base sobre a qual se constroem as expectativas otimistas neste momento é real.

Para Lara Resende, embora tenha errado na concepção inicial de sua reforma monetária, a equipe econômica viu superar-se o risco de desorganização da economia. O governo mostra hoje claros sinais de que o controle monetário e a contração fiscal serão levados adiante com a firmeza das últimas semanas e que a prioridade da estabilização do índice inflacionário será mantida sobre outras pressões, seja do Congresso, seja dos sindicatos.

Há riscos, lembram os dois analistas. O déficit orçamentário, por exemplo, sempre se concentra no último trimestre, podendo comprometer o otimismo criado com os sucessivos superávits de caixa, mas cortes de gastos como as

seria já um resultado satisfatório não faria sentido hoje. "A inflação que deve ser almejada é a dos países desenvolvidos, de menos de 10% ao ano", diz Lara Resende.

Também se fala muito, entre empresários, que o caminho para sair da recessão terá de ser o que País trilhou nesse período, produzindo grandes saldos comerciais exportando manufaturados. O cenário mundial é hoje bem diferente daquele de 1983. "A economia norte-americana, por exemplo, consumia 25% dos bens exportados pela indústria brasileira, mas hoje está crescendo em ritmo bem mais lento. O esforço cambial para vender terá de

ser agora muito maior", afirma Alkimar R. Moura.

Lara Resende reconhece a existência de um problema cambial — os indícios inequívocos de que a moeda está sobrevalorizada, como os diferenciais de preço entre os mesmos produtos vendidos fora e dentro do País —, mas lembra o argumento do governo de que é impossível definir o câmbio pelas necessidades das empresas.

Moura, porém, não é tão otimista. "O nível das reservas ainda não é confortável", diz. Para ele, ao lado da pressão por maiores salários, a possibilidade de uma crise cambial séria seria o grande desafio que o governo deverá enfrentar nas próximas semanas.

demissões da reforma administrativa são inusitados e expressivos.

A safra de negociações salariais poderá trazer alguma reversão na queda acentuada de salário real dos últimos meses mas não será suficiente para aquecer a demanda, e poderá ser limitada pela perspectiva de desemprego colocada pela recessão. Episódios como o da Ford teriam um efeito demonstrativo.

"Transitoriamente, superou-se o risco de uma hiperinflação", resume Lara Resende. A armadilha, porém, estaria justamente aí. Se tendo baixado para algo como 10% a inflação mensal e a equipe econômica, o presidente, os empresários, os consumidores se derem por satisfeitos, corre-se o risco de relaxar o controle e comprometer todo o esforço de estabilização. A etapa em que a economia de fato trazer resultados será a de passar dos 10% para os 3%, como numa dieta em que o paciente perde vários quilos de uma vez e se perde nas autocongratulações, relaxando o regime.

O argumento frequentemente ouvido entre empresários de que uma inflação de 250% ao ano como a que existiu no início dos anos 80